

Não matarás

Alexandre Sá¹

¹ Alexandre Sá vive em Niterói, no Rio de Janeiro. É artista, pesquisador, curador e crítico de arte. Pós-doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ sob supervisão de Rafael Haddock Lobo. Pós-doutor em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense sob supervisão de Tania Rivera. Doutor (2011) e mestre (2006) em Artes Visuais pela Escola de Belas-Artes da UFRJ, tendo sido orientado por Glória Ferreira. Licenciado em Educação Artística (Habilitação em História da Arte) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002). É atual diretor e professor do Instituto de Artes da UERJ e professor do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES) na mesma instituição. É um profissional híbrido que trabalha com diversas linguagens (performances, instalações, desenhos, pinturas, vídeos e escritos) e a particularidade de sua pesquisa plástico-teórica são as relações entre o texto, a imagem, a poesia, o corpo e a psicanálise. Atualmente é editor-chefe da revista Concinnitas do Instituto de Artes. Também faz parte da Comissão de credenciamento do portal de publicações da UERJ como professor titular. É coordenador do Grupo de Pesquisa "A arte contemporânea e o estádio do espelho", certificado pelo CNPQ.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7846-5145>

CV: <http://lattes.cnpq.br/0137944963846547>

Sinto abalada minha calma, embriagada minha alma, efeitos da tua sedução. Oh! Minha romântica senhora tentação, não deixes que eu venha a sucumbir, neste vendaval de paixão.

Cartola

No meio de 2019, decidimos que gostaríamos de fazer um edição especial sobre a G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira. Os motivos foram muitos. Mas talvez o que mais tenha se colocado como justificativa foi a proximidade geográfica eventualmente em contradição com a distância simbólica. Por certo, o fato de sermos vizinhos, a UERJ e a Mangueira, propicia uma quantidade considerável de projetos, parcerias e diálogos, mas nunca produzimos um número especial da revista Concinnitas sobre tal relação. Talvez por estarmos ainda atravessados por uma fantasmática de produção de pensamento em Artes Visuais que desconsidera na prática, de maneira perversa, a entropia carnavalesca, a presença da comunidade como produção de um saber outro e a cultura oral como elementos determinantes para o pensamento sobre aquilo que nos erige como estado de coisas e de sítio. Nesse sentido, trata-se de um número que inicia-se extremamente agradecido e humildemente reconsiderando nosso passado para que possamos vir a construir um novo samba juntos. Menos surdo. Mais bumbo.

A Mangueira, que vemos da varanda do Instituto de Artes no décimo primeiro andar, hoje fechada por razões de segurança e esgotamento e que não nos impede de olhar de maneira apaixonada, talvez ingenuamente romântica, é obviamente, muito mais do que apresentamos aqui. E nesse sentido, é possível já compreender nosso paradoxal desejo fracassado porque há de haver sempre elementos da ordem do real que jamais conseguiriam ser transcritos por infinitas palavras que, ao final, nem ao menos sabemos quem as lê. Faltam aqui sua vielas, seus sexos, sua violência, seus dentes de ouro, suas enormes pulseiras de prata, seus turistas, seus shorts pequeninos, suas mulheres empoderadas, seu brilho, seus exus, seus botequins, seus mendigos, seu medo, seu segredo e sua recôndita vaidade. Ou talvez, pelo contrário, sem que percebamos, tudo de fato esteja aqui, nos sumidouros entre uma letra e outra, entre uma página e a seguinte. Tentemos.

Por outro lado, sabíamos que a comunidade mangueirense representava para nós de maneira metaforizada, um conjunto outro de grupos que, de acordo com tudo o que estamos vivendo, re-existe a cada dia, como um

refluxo contundente a uma lógica espetacular que nos solapa como método de horror, como plano consciente de apagamento e como estratégia, paradoxalmente, autorizada por parte da população, de eliminar minorias, desconsiderar as diferenças e afundar a memória em algum poço de esquecimento que é, na maioria das vezes, pseudo-branco e pseudo-hétero.

Nesse sentido, optamos por dar este título: *Não matarás*. O quinto mandamento redescobre sua vacuidade. Basta que olhemos todas as informações que nos chegam em tempo real, alimentando um gozo específico que atingiu lugares inimagináveis, auxiliado pela tal pós-verdade que num jogo de dobra e espelhamento, planta em velocidade específica a morte da opinião, do pensamento, da observação e do amor ao próximo, como se houvéssemos chegado em uma posição surpreendentemente psicanalítica, aplicada na prática, onde a negação guarda consigo, o absoluto desejo e ordem e progresso de sua afirmação.

Para a cultura ioruba, a morte não existe. Trata-se de um exercício de continuidade, recomeço e de uma nova viagem do caos à lama. Em alguns terreiros, os ancestrais personificam-se ao retornarem em suas roupas repletas de vácuo e magia, para darem seus recados, visitar os bebês, brincar, matar a saudade e provar que essa vida por aqui é apenas um átimo. Embora isso não elimine o terror, a violência e a gratuidade de tantos assassinatos, sumiços e desaparecimento de corpos que são mantidos desde a nossa fundação e fundição como Brasil, talvez seja mais uma vez, importante lembrar que apesar dos pesares e inclusive, apesar de você, resistiremos. Sempre. Seja lá o que isso for.